



TV OVO - da prática da comunicação comunitária à constituição da cidadania. Um estudo de caso¹

Neli Fabiane MOMBELLI²

Marcos Severino BORBA³

Rosana Cabral ZUCOLO⁴

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo analisa o percurso empírico que situa a experiência da comunicação comunitária desenvolvida em rede pela ONG Oficina de Vídeo Oeste – TV OVO, enquanto caso de representação de práticas sociais geradoras de cidadania. O artigo integra a pesquisa *Falas Comunitárias: um estudo das práticas de comunicação comunitária na cidade de Santa Maria*, desenvolvida desde 2009 no curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano. Com base na metodologia da ação participativa (pesquisa-ação) que assegura o vínculo necessário dos pesquisadores com os grupos investigados, a pesquisa aproximou-se do universo de experiências comunitárias vinculadas a processos de comunicação, visando a compreensão das práticas inseridas no contexto cotidiano de associações, entidades sociais e culturais e ONGs localizadas na cidade de Santa Maria, RS. É em tal contexto que se toma a experiência da TV OVO como um caso singular a ser estudado.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; mobilização social; cidadania.

Situando o objeto

Embora não seja o objetivo primeiro deste artigo, é relevante situar brevemente e inicialmente, o percurso da investigação que o originou, e cujos resultados vêm gerando reflexões ainda em processo. Trata-se da pesquisa *Falas Comunitárias: um estudo das práticas de comunicação comunitária na cidade de Santa Maria*, aprovada em edital do Centro Universitário Franciscano⁵, e que tem por objetivo inventariar as experiências de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, email: nelifabiane@gmail.com

³ Estudante de graduação, 6º semestre, do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, email: nelifabiane@gmail.com

⁴ Orientadora da pesquisa. Professora do curso de Comunicação Social - Jornalismo - Unifra e doutoranda em Comunicação pela Unisinos, RS. E-mail: Rosana@unifra.br

⁵ Em 2009 a pesquisa era coordenada pelas professoras Rosana C. Zucolo e Liliane Brignol. Em 2010 está sob a responsabilidade professora Rosana Zucolo e da professora Sione Gomes, todas atuando no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unifra, numa equipe constituída por uma aluna bolsista e três voluntários.



comunicação comunitária na cidade de Santa Maria, buscando identificar a concepção das práticas comunicativas e o envolvimento das comunidades nesse processo. Tal pesquisa teve origem na percepção da necessidade de aprofundamento do referencial de um conjunto de projetos de comunicação comunitária desenvolvidos desde 2005, no âmbito dos cursos de comunicação da Unifra. Eles acontecem a partir da inserção de alunos da graduação e de professores em comunidades de bairro, associações e outras entidades santa-marienses, visando potencializar a produção dos cursos, incentivarem a relação com a comunidade local, além de oportunizar um espaço de reflexão efetiva sobre um campo da comunicação em crescente expansão.

Para investigar a realidade de diferentes projetos de comunicação, e partindo de uma abordagem qualitativa, combinou-se um conjunto de procedimentos metodológicos que permitiram localizar experiências de comunicação comunitária e, em uma segunda etapa da investigação, empreender um olhar aprofundado sobre elas, de modo a entender como se apropriaram de práticas comunicativas e como trabalham o sentido de comunidade em suas ações. Assim, durante 10 meses de 2009, a equipe de pesquisa debruçou-se sobre o universo local, gerando um inventário sobre as formas de organização comunitária da sociedade civil local, organizando um banco de dados e analisando projetos representativos na área da comunicação comunitária. Atualmente, a equipe detém-se nas atividades desenvolvidas pelas associações de bairros e de moradores.

O caso TV OVO tornou-se representativo nesse processo de investigação durante a etapa de aprofundamento das entrevistas. Trata-se de uma ONG que atua com a comunicação comunitária através da produção e formação para a televisão já há 14 anos, e de forma continuada. Sua organização e metodologia de trabalho implicam diferentes formas de interação e mobilização social.

Definindo categorias

Situa-se aqui, ainda que de forma heurística, algumas categorias de análise que nortearam este trabalho. E isto se justifica pela visualização de processos inacabados e em transformação pela aceleração dos processos tecnológicos e da midiatização do social, e que levam à excessiva fluidez dos significados e conceitos. Multiplicam-se realidades, se acentuam estranhezas e incertezas, e se enfatiza cada vez mais o papel da comunicação.



Em tal contexto, as relações sociais se instituem com base em uma nova concepção de espaço/temporalidade, incluindo noções de contato permanente, de acesso imediato, de transmissões diretas por redes informáticas, internet. Múltiplas formas de interação. Se hoje é possível falar com muitas pessoas ao mesmo tempo via satélite ou cabos, se comunicar independente do lugar e da cultura na qual se está inserido, mesclar subjetividades, identidades e realidades distintas, também é possível constatar o uso de ferramentas de comunicação bastante rudimentares por amplas camadas da população. É posto, portanto, o desafio de compreender de que modo essas novas relações permeiam a sociedade desde a periferia e buscar saber qual direção tomar diante de mudanças tão rápidas e radicais.

Dito isto, toma-se neste trabalho, o conceito de rede (GOHN, 2008, p. 446), enquanto “capacidade de articulação da multiplicidade do diverso” e de enraizamento maior com as comunidades locais, uma vez que a atuação da TV OVO se desdobra no social através de articulações com parceiros locais e nacionais, e promove ações de mobilização.

Nesse sentido, mobilização social é entendida ainda na perspectiva de Gohn (2008), como projeto político e cultural, presente em todas as formas de organização das ações coletivas. Complementarmente, tomamos dela a referência a Toro (apud GOHN, 2008, p. 449) para quem “mobilização social é o envolvimento ativo do cidadão, da organização social, da empresa, nos rumos e acontecimentos em nossa sociedade. Ela se traduz em pequenas ou grandes ações e pode ser desempenhada de diferentes formas.” É justo neste aspecto que se considera a atuação da TV OVO como relevante para a constituição dos sujeitos, uma vez que ao promover interações em rede fortalece as ações comunitárias locais que, ao se articular com o nacional, tensiona identidades. Ou seja, situada num contexto de midiaticização que comporta os modos e as práticas com que os dispositivos tecnossimbólicos ressignificam distintos fenômenos a partir de diferentes estratégias produtoras de sentido, a TV OVO ao se mover organiza novos processos de interação e reconfigura os antigos vínculos pessoais e comunitários. É a tecnicidade apontada por Martin Barbero (2009) entendida não mais como razão instrumental, mas como o que se move na direção fundante de identidades. Tal movimento converge com a problematização da noção de cidadania. Sem entrar na revisão histórica do conceito, toma-se neste trabalho a proposta de Maria Cristina Mata de *cidadania comunicativa*, enquanto esforço teórico de vinculação entre as noções de comunicação e cidadania. Mata atribui à noção a possibilidade de repensar o modo de



ser no mundo atual, ressaltando o papel das relações de multiculturalismo e de centralidade da mídia na redefinição da cidadania. Para ela, os atravessamentos midiáticos que constituem “novas cidadanias” carecem de maior vigilância e controle dos atos de governos e outros setores de poder. Mata critica a tendência da mídia de retratar de forma fragmentada e mercantilizada, a representação de parcela de cidadãos marginalizados e excluídos dos processos de tomada de decisões e apresentados sempre como sujeitos de demanda. Segundo ela, é decisivo reconhecer a ameaça que emerge desse mercado midiático à possibilidade de reconstrução de laços e projetos comuns. Em oposição, a cidadania comunicativa se apresenta enquanto movimento de efetiva construção de participações cidadãs através dos meios de comunicação, resgatando o papel dos cidadãos como sujeitos efetivos de ação. Pensa-se ser nessa fronteira que se situa o trabalho da TV OVO ao tensionar o social através das ações de mobilização comunitária.

Do salão paroquial à produção televisiva nacional

A TV OVO surgiu em 1996 enquanto projeto denominado Oficina de Vídeo Oeste, e se propunha a ensinar técnicas audiovisuais para adolescentes da região Oeste de Santa Maria, mais especificamente na Vila Caramelo – região periférica da cidade – numa iniciativa da Associação de Moradores da Vila e da Escola Estadual Irmão Quintino. O idealizador do projeto Paulo Roberto Tavares, então dirigente do Sindicato dos Bancários na área cultural, possuía em casa um equipamento amador adquirido de uma pequena produtora que encerrara as atividades. Com eles reuniu a primeira turma constituída por 12 adolescentes entre 13 e 17 anos que começaram a aprender técnicas básicas de operação de câmera, edição, noções de telejornalismo, roteiro para TV e apresentação. A oficina tinha o suporte técnico da AssessoD, uma assessoria de comunicação constituída por ex-alunos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, e que atuava junto ao Sindicato dos Bancários de Santa Maria.

Nos primeiros dois meses os adolescentes usaram as ruas do bairro como local de prática de produção e de aquisição de conhecimento. O resultado foi um documentário de 45 minutos que reuniu reportagens e pequenos curtas-metragem, caracterizados ainda por uma técnica rudimentar. O documentário foi exibido no salão paroquial da Igreja São João Evangelista na Vila Caramelo, em uma TV 29 polegadas,



numa final de tarde em que o horário da exibição coincidia com o jogo do Brasil nas Olimpíadas de 1996. Cerca de 230 pessoas se fizeram presentes.

A receptividade animou o grupo de adolescentes e, dois meses depois outro vídeo foi exibido trazendo novas reportagens e experimentos, agora retratando a realidade das vilas da cidade. As pautas evidenciavam problemas de saneamento básico, a falta de segurança, de saúde, e incluíam sempre a palavra da prefeitura através de entrevistas com secretários da época. A chamada à comunidade foi feita com pequenos flyers e boca a boca. Neste momento, a turma que era de 12 alunos já somava 20 que estavam dispostos a continuar e ampliar o projeto, buscando parcerias.

O processo embrionário necessitava de um nome. Os jovens, depois de várias sugestões e muitas discussões, optaram por TV OVO, a TV da Oficina de Vídeo Oeste, considerando também que “OVO” representaria um início, conotando todo o simbolismo da vida.

Em 1997 veio o apoio mais efetivo do Sindicato dos Bancários, da Associação de Moradores da Vila Caramelo e de entidades do movimento sindical e sociedade civil como a CUT, Sindicato dos Metalúrgicos e o Banco da Esperança vinculado à Mitra Diocesana de Santa Maria, que se agregaram ao projeto ao longo daquele ano. Para manter as atividades, os jovens trabalhavam de forma voluntária. Os monitores eram os ex-alunos. Os alunos de 96 foram monitores em 97, e assim sucessivamente nos anos consecutivos. Uma das características do projeto mantida ainda hoje é a gratuidade dos cursos oferecidos.

Ainda em 97, o projeto Oficina de Vídeo – TV OVO começou o processo para se tornar uma associação sem fins lucrativos com a criação do estatuto social e eleição da primeira coordenação. Neste ano, também, através de um projeto para o Banco da Esperança e Cáritas nacional, a TV OVO adquiriu os primeiros equipamentos semi-profissionais. No ano seguinte, o Sindicato dos Bancários ofereceu como sede, uma das salas que possuía no centro da cidade. Com isso, o trabalho da TV OVO se ampliou. Já estavam na terceira edição das oficinas, com três turmas de 15 a 20 jovens.

Com a mudança de local, aumentou a oferta para outras comunidades da cidade, reunindo alunos que vinham à sede da TV duas vezes por semana para ter aulas totalmente de graça. Além de participarem das oficinas, os jovens eram responsáveis pela projeção do Cineclube Otelo que era mantido pelo Sindicato dos Bancários. Este trabalho agregou ao cotidiano dos jovens a discussão sobre o cinema, e que hoje se pode



perceber na produção de curtas metragens assinados pelos integrantes da TV OVO, concorrendo em festivais locais e nacionais.

O ano de 1999 marcou o início da profissionalização propriamente dita do trabalho da TV OVO. A ONG fechou uma parceria com a TVE-RS na co-produção de um programa semanal chamado “Povo Gaúcho”, que ficou no ar até início de 2003. O programa apresentado pelo músico Antônio Gringo exigia que a produção viajasse por mais de 40 municípios do Estado. As gravações possibilitaram conhecimento cultural e técnico aos jovens, pois havia a interação com os profissionais da TVE que já tinham experiência de mais de 20 anos de televisão. Foi uma formação técnica para os jovens e que estabeleceu uma virada na metodologia e na didática das oficinas a partir de então. Passou-se a primar pela qualidade técnica na produção dos vídeos e programas televisivos, e que se constitui hoje um dos traços das produções da TV OVO.

Os recursos da parceria com a TVE foram aplicados em equipamentos profissionais como aquisição de câmera digital e equipamento de edição não-linear, o que além de valorizar o trabalho da TV OVO abriu novas possibilidades de produção. Paralelo ao programa com a TVE veio a nova sede alugada, em 2000, na rua André Marques, o que possibilitou o desenvolvimento de mais dois projetos culturais: o Cineclube Porão e o Espaço Cultural TV OVO. O cineclube tinha exibições aos domingos, seguidas de debate sobre o filme. Já o Espaço Cultural promovia no primeiro domingo do mês uma atividade cultural maior, com exibições de curtas, apresentações de ecas e enquetes teatrais, música, além de um espaço para exposições de artes plásticas. Junto a tudo isso, as oficinas continuaram com turmas ainda maiores, chegando a ter três turmas com 30 jovens.

Em 2003 com a mudança de governo do Estado a parceria com a TVE foi encerrada por cortes da instituição que rescindiu todos os contratos externos, tirando do ar o programa Povo Gaúcho. A TV OVO se manteve com recursos próprios advindos de serviços que prestava, para continuar e concluir a formação da turma na oficina que havia iniciado. Os anos que seguiram foram com baixa atividade.

No ano 2002, a TV aprovou na LIC municipal, Lei de Incentivo à Cultura, o projeto *TV OVO no ônibus* elaborado por um dos jovens que participou da oficina, e já havia visto uma experiência parecida em Santos – SP.

A metodologia do programa consistia na realização de oficinas de vídeo nas comunidades e o material produzido pelos alunos junto a outros produzidos pela equipe



da TV eram editados em um programa de 30 minutos. Um ônibus de transporte coletivo urbano era equipado com TV e vídeo onde era exibido o programa. Este ônibus, da empresa Expresso Medianeira, percorria diferentes linhas da cidade, possibilitando uma audiência de mais de 16 mil pessoas por mês⁶. O projeto foi desenvolvido com recurso da LIC até 2003 sendo interrompido durante seis meses por falta de verba, e retomado com uma equipe voluntária. O projeto continua ativo.

Em 2005, um edital do Ministério da Cultura (MinC) abriu novas possibilidades para a TV OVO. Todas as ações já desenvolvidas, oficinas, cineclubes, TV OVO no Ônibus, além da criação de uma biblioteca, foram colocadas dentro de um grande projeto, o *Ponto de Cultura Espelho da Comunidade*.

As atividades do Ponto de Cultura iniciaram em 2006 com oficinas de formação audiovisual e a formação de núcleos de produção comunitária. Quatro vilas em regiões geográficas diferentes foram escolhidas. Nova Santa Marta, Nonoai, Vila Kennedy e Cohab Fernando Ferrari abrigaram a equipe da TV OVO e os jovens participantes das oficinas. Das quatro, apenas o trabalho na Vila Kennedy não seguiu por falta de apoio da associação comunitária. Nas outras comunidades, a metodologia de trabalho fazia o diálogo entre a teoria audiovisual e a prática que tomava por base a realidade em que os jovens estavam inseridos. As produções realizadas eram veiculadas no programa TV OVO no Ônibus. Com a iniciativa, a TV OVO possibilitou a criação de pequenos núcleos de comunicação comunitária nessas comunidades. Com o encerramento do projeto, os jovens começaram a participar do trabalho interno da TV OVO, ao mesmo tempo em que fomentam os núcleos comunitários. É esta equipe de jovens que trabalha de forma voluntária na entidade que torna possível manter a programação do TV OVO no Ônibus.

A iniciativa fez com que a TV OVO recebesse em 2009, o prêmio Mídia Livre do Ministério da Cultura. O prêmio que manteve a ajuda de custo para a continuidade do projeto.

A Biblioteca Sérgio de Assis Brasil, que mantém um acervo de obras literárias voltadas ao audiovisual e suas interfaces – agora está sendo organizado o acervo audiovisual -, resulta desse projeto.

⁶ Por conta da iniciativa, em 2003 a empresa ganhou o Prêmio ANTP de Qualidade, em âmbito nacional.



Ainda em 2009, a TV OVO se torna *Pontão de Cultura Fomento Cultural (FOCU)* por meio de edital do MinC. O projeto abrange Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná com a realização de oficinas de audiovisual para outros pontos de cultura, e tem como objetivo construir uma rede para alavancar a produção audiovisual da região sul do país e estimular a articulação dos pontos de cultura, tendo como base a formação audiovisual. Nestes estados foram estabelecidos sete pólos de formação: Santa Maria, Porto Alegre, Rio Grande, Florianópolis, São Francisco do Sul, Curitiba e Londrina. Para auxiliar e otimizar o trabalho em cada pólo, o Focu conta com a disposição dos articuladores locais, os quais são definidos juntos aos pontos de cultura locais.

O FOCU oferece capacitação aos pontos de cultura, suprimindo a carência do conhecimento técnico dos equipamentos de produção audiovisual. Com um formato interdisciplinar, as oficinas são desenvolvidas em duas etapas: 1º com oficinas básicas – roteiro/direção, operação de câmera/direção de fotografia e edição em software livre; 2º com mais três oficinas complementares optativas – interpretação, documentário, áudio (captação e pós-produção), trilha sonora, programação visual, cineclubismo, entre outras. Cada etapa tem a duração de seis dias, pela parte da manhã e tarde, com exercícios estruturados para unir a teoria e a prática do fazer audiovisual e estimular a produção colaborativa. Entre a 1º e 2º etapa, haverá o acompanhamento via internet, meio pelo qual oicineiro irá orientar os alunos no desenvolvimento dos roteiros e na produção dos projetos audiovisuais que serão gravados na segunda etapa. Todo o material produzido dentro do trabalho do pontão levará a licença Creative Commons.

A experiência com o cineclube Itinerante através de uma parceria firmada em 2004 com a Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria, levando o Lanterninha Aurélio para as comunidades da cidade em mostras itinerantes, com projeções em praças, centros comunitários e escolas, é base da proposta de difusão que caracteriza o FOCU. Uma sessão cineclubista é organizada em cada pólo aonde o Pontão Focu atua. As exhibições têm o objetivo de abrir o horizonte para as produções audiovisuais feitas pelos próprios pontos de cultura e também para as produções independentes do circuito não comercial. A sessão é composta por filmes da Programadora Brasil, da própria TV OVO, dos pontos de cultura e do Ponto Brasil, além disso, o trabalho de difusão prossegue mesmo após a finalização dos curtas produzidos nas oficinas. O projeto prevê



a *Mostra de Independência do Olhar*, uma intervenção audiovisual realizada simultaneamente no dia 7 de setembro em todos os pólos do FOCU.

Paralelamente às atividades desenvolvidas nos pontos de cultura e com o objetivo de documentação e distribuição, é feito o registro das oficinas e práticas culturais nas comunidades onde se inserem. Esse registro completa a cadeia da produção audiovisual, integrando os três DVDs que o Pontão pretende gerar e distribuir gratuitamente. Além da documentação, eles conterão as produções das oficinas e as produções já desenvolvidas pelos pontos de cultura. A distribuição desse material será gratuita e destinada aos pontos de cultura, parceiros e instituições afins.

Em 2009 a TV OVO também fechou uma parceria com o Canal Futura, onde, durante oito meses, produziu duas matérias mensais para serem exibidas no Jornal Futura. Findado o contrato, a parceria permanece com o envio de matérias esporádicas sobre eventos que ocorrem na cidade. As atividades com a Futura ainda continuam nas coberturas compartilhadas, em eventos como a Feira do Livro de Santa Maria, A Feira Estadual do Cooperativismo (Feicoop), O Fórum Internacional de Software Livre (FISL), O Fórum Social Mundial (FSM), Teia Sul e Nacional (encontro dos pontinhos, pontos e pontões de cultura).

Considerações não finais

A TV OVO constituiu-se organicamente ao longo dos anos, enquanto geradora de projetos de comunicação comunitária e formadora de profissionais. Ao longo dos seus 14 anos, as oficinas formaram cerca de 300 jovens aptos a atuar em televisão e cinema.

Muitos dos que hoje estão ou já estiveram nela buscaram continuar se profissionalizando. Estão espalhados pelo país atuando em TVs, produtoras, nos próprios pontos de cultura. Muitos ainda em Santa Maria na sede do projeto e mesmo na TV Unifra. Nesta, todos os técnicos de edição e a maioria dos cinegrafistas são originários das oficinas da TV OVO. Na TV Unifra, criada em 2006, a distinção é de ordem contratual, enquanto o trabalho de produção é coletivo e prima pela qualidade técnica que é a marca atual também da TV OVO.

Os Projetos da TV OVO são e sempre foram gratuitos para os jovens que participaram e, quando possível, ela mantém uma ajuda de custos que consiste no



auxílio financeiro e custeio de vale transporte para os voluntários que trabalham nos projetos. Muitos dos jovens originários destas oficinas hoje estão cursando faculdade de comunicação.

Suas estratégias de atuação marcam a mobilização das comunidades em que se insere, e continua produzindo diferenciais em cotidianos onde a representação dos sujeitos passa a ser ativa. Ao desdobrar as suas atividades em formação e produção, a TV OVO gera perspectivas que rompem com a noção de atores coletivos desprovidos das convenções expressivas que a sociedade demanda para admitir as interações e o reconhecimento dos interlocutores em situações de comunicação.

Sua articulação com as comunidades, com as entidades parceiras, com a ocupação dos espaços disponibilizados pelas políticas públicas parecem indicar a possibilidade de construção de uma consciência compartilhada que torna possível a cidadania e a vida em “comunidade”.

Encerra-se este artigo com a constatação de que a TV OVO é um caso singular de comunicação comunitária, que merece ser estudada com profundidade.



REFERÊNCIAS

BARBERO, J.M. **As formas mestiças da mídia.** Entrevista à revista FAPESP, 09/2009. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3933&bd=1&pg=1> Acessado em 12 mar. 2010.

BRAGA, J.L. **Mediatização como processo interacional de referência,** artigo apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, São Paulo, em junho de 2006

FERREIRA, J. e VIZER, E. **Mídia e movimentos sociais.** São Paulo, Paulus, 2007.

GOHN, M.G. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina.** In: Caderno CRH, Salvador, v21, n.54, p.439-455, set./dez 2008.

MATA, M. C. et AL. **Condiciones objetivas y subjetivas para el desarrollo de la ciudadanía comunicativa.** Córdoba - Ar., Centro de Competência em Comunicación para América Latina. 2005

_____. **De La cultura masiva a La cultura mediática.** In *Diálogos de La comunicacim.* Lima. FELAFACS, s/d. (80-91)

_____. **Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación.** In *The Communication Initiative Network*, set. 2007. Disponível em: [HTTP:www.comminit.com/ES/print/149879]. Acessado em 10/08/2009.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização.** São Paulo. HUCITEC. 1999.